

Do Turismo de Fronteiras às Fronteiras do Turismo: repensando os espaços fronteiriços

COSTA, Luciana de Castro Neves¹

CISNE, Rebecca Costa²

OLIVEIRA, Ana Carolina³

Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA

Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo de Olinda - FACOTTUR

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS

Resumo: Apresentando-se simultaneamente como linha de separação e esfera de contato, as áreas de fronteiras instigam a repensar as relações turísticas para além de sua vocação comercial, estimulada pelos *free-shops* instalados do outro lado da linha de fronteira brasileira. Para além do limite político, estabelecem-se múltiplos limites, neste espaço de fixos, mas principalmente de fluxos, criando certas especificidades que garantem aos seus sujeitos a possibilidade de trânsito físico e cultural transfronteiriço, e garantem aos turistas a experiência da onipresença, de estar ao mesmo tempo em dois países. Dentro deste contexto, este artigo visa discutir o turismo em áreas de fronteira e o imaginário que configura o limite e outros múltiplos limites desse espaço particular para os moradores e para os turistas que diariamente cruzam as fronteiras.

Palavras-chave: Turismo; Fronteira; Espaço de Fluxos.

Introdução

Apresentando uma contradição inerente à própria essência, como separação e ponto de tangência entre dois países, os espaços fronteiriços configuram-se em suas excentricidades, residindo, no além fronteira, a ameaça e a sedução, o estabelecimento de limites e o desejo do cruzamento de limites. Para além de sua conotação política, a

¹ Mestre em Turismo pelo Curso de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Docente do Curso de Tecnologia em Gestão do Turismo da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão (RS). *E-mail:* <lux.castroneves@gmail.com>

² Mestre em Turismo pelo Curso de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Especialista em ensino a aprendizagem de língua estrangeira (inglês) pela UCS e Bacharel em Turismo pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (Iesam). Docente dos Cursos de Turismo, Marketing, Recursos Humanos e Processos Gerenciais da Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo (Facottur) de Olinda. *E-mail:* <rebeccacisne@gmail.com>

³ Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, Especialista em Educação e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* <anacarolina_rmelo@hotmail.com>

fronteira representa para o turismo um elemento simbólico que mexe com o imaginário do turista. O símbolo limítrofe entre um país e outro pode ser representado, às vezes, simplesmente por uma linha, a sinalizar diferentes nacionalidades em uma mesma rua, ou ainda acompanhado de algum recurso natural, elemento geográfico, ou mesmo uma construção humana imponente que demarque mais acintosamente a divisão ou descontinuidade física – mas não necessariamente simbólica e cultural – do que consideramos o “eu” e o “outro”, o nacional e o estrangeiro. Tal símbolo, em sua materialidade e imaterialidade, em sua concretude física e demarcação/interrupção de determinada porção espacial, e em sua percepção/representação imaginária, oferece ao turista a possibilidade de “poder estar em dois lugares ao mesmo tempo”, ou ainda, em “lugar algum”.

A ciência contemporânea, por sua vez, tem investido em experiências que possibilitem a um corpo estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ainda em 1996, a Física já provou que um átomo é capaz de estar em dois lugares na mesma fração de segundo, quando os físicos americanos David Wineland e Chris Monroe, do Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia, em Boulder, Colorado (EUA), conseguiram fazer um átomo aparecer em dois pontos diferentes do espaço no mesmo e exato instante (DIEGUEZ e VIEIRA, 1996). No ano passado, em uma nova experiência, pretendeu-se colocar uma esfera de vidro em dois lugares totalmente diferentes de uma só vez, sem sobreposição. A proposta é que o centro da massa seja colocado em sobreposição de localizações espaciais separadas por uma distância maior que o tamanho do próprio objeto.

Apesar de à nossa mente a idéia parecer confusa, a possibilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo mexe com o imaginário humano. Nesse sentido, os turistas que cruzam as fronteiras nacionais recorrentemente registram tal passagem com fotografias suas sobre o limite entre dois países, sob o discurso de poderem estar ao mesmo tempo em dois lugares, ou em lugar algum. Frente a essa prática, o turismo apropria-se desse imaginário acerca da fronteira, que passa a simbolizar e expressar o “desafio quântico” da ciência contemporânea. A(s) territorialidade(s) fronteira(s) parece(m) representar um subespaço traduzido como um entre-lugar no sentido de que não se está (ou se está simultaneamente) no Brasil, nem no Uruguai, por exemplo, mas na linha que divide os dois países.

Considerando tais aspectos, este artigo busca dissertar sobre o fenômeno do turismo em espaços de fronteiras e o imaginário que configura o limite e outros múltiplos limites desse espaço particular para os moradores e, indiretamente, para os turistas que diariamente cruzam as fronteiras. A partir deste debate, tenta-se cruzar os limites da construção teórica do conhecimento turístico acerca das fronteiras.

Limites, Fronteiras e Imaginário no Turismo

Se, atualmente, o entendimento acerca das fronteiras supõe passagem, cruzamento, não se pode afirmar o mesmo de sua origem. O surgimento da noção de fronteira está ligado ao contexto de transição da condição nômade para condição sedentária dos grupos humanos, intimamente relacionada à evolução das formas de propriedade (MARTIN, 1998). Com a sedentarização e o desenvolvimento da agricultura, cria-se a necessidade de habitar territórios mais bem delimitados e menos sujeitos ao ingresso de grupos hostis. Já a concepção moderna de fronteira viria com a consolidação dos Estados-Nação, na Europa, e os progressos científicos renascentistas e conhecimentos obtidos por meio das viagens, possibilitando a criação de mapas e permitindo não apenas a representação, mas a projeção de limites entre países a partir dos tratados.

De qualquer forma, desde o estabelecimento da instituição simbólica entendida como fronteira, e do estabelecimento de um limite político, verifica-se a possibilidade – e por vezes, estímulo – do seu oposto, o cruzamento de limites que visam separar (e qualificar) dois povos, duas nações (o “nós, brasileiros” e os “outros”, uruguaios, argentinos, latino-americano, seja qual for a escala referencial de identificação adotada). Apesar de seu aspecto aparentemente estático, a fronteira ou *front* (termo do qual deriva sua denominação) se estabelece ou se mantém a partir de um jogo de forças, mantendo-se assim até que forças do interior do território venham a modificá-la, transformando-a em um *front* móvel, fato demonstrado pela trajetória de estabelecimento da configuração geopolítica mundial. De acordo com Leenhardt (2002), diante das definições estáticas dadas pela geografia, o objeto da geopolítica consistiria justamente no movimento permanente que agita essas linhas reputadas imóveis, sabendo que “toda a fronteira não é senão o resultado precário e passageiro das lutas engendradas pelas pulsões expansionistas” (LEENHARDT, 2002, p. 27).

A delimitação política dos limites e, conseqüentemente, o estabelecimento das fronteiras, entretanto, não costuma se dar de forma “natural”, atuando em um território com práticas já configuradas, e não em um território virgem. Ao mesmo tempo em que a linha de fronteira representa uma linha de separação entre dois povos, ela também representa o primeiro ponto de tangência entre ambos. Cabe aqui uma diferenciação entre os termos “limite” e “fronteira”. O limite é reconhecido como linha, e não pode, portanto, ser habitado, ao contrário da fronteira que, ocupando uma faixa, constitui uma zona muitas vezes bastante povoada onde os habitantes de países vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, inclusive sob a forma de contrabando (MARTIN, 1998).

Nesse sentido, muitas vezes as populações já estabeleceram um histórico de trocas e práticas para além da linha – adotada como uma abstração pelo Estado-Nação. Como nos indica Leenhardt (2002), um *modus vivendi* que integra uma definição prática da fronteira, que pode então diferir significativamente daquela dos topógrafos. Se o limite passa a ser determinado a partir da alta diplomacia e da disputa política entre diferentes nações, as fronteiras, por sua vez, pertenceriam ao domínio dos povos.

Enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de controle efetivo do Estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é um lugar de comunicação e troca. Os povos podem se expandir para além do limite jurídico do Estado, desafiar a lei territorial de cada Estado limítrofe e às vezes criar uma situação da facto, potencialmente conflituosa, obrigando a revisão de acordos diplomáticos (MACHADO, 2000, p. 09).

Portanto, pensar a fronteira requer pensar a dualidade de relações, sejam sociais, simbólicas ou políticas, e as múltiplas facetas manifestas no território. A tentativa de se estabelecer um estudo analítico da fronteira no campo do turismo pode ser encarado pelo binômio espaço de fixos e espaço de fluxos. Ou ainda, no binômio separação-contato, conforme será abordado a seguir.

Os Espaços de Fronteira e o Turismo: do limite que separa ao desejo de aproximação

A globalização que permitiu aos sujeitos a ampliação dos deslocamentos humanos para além das fronteiras natais impõe ao turismo um novo desafio: a revisão de conceitos e a reflexão a partir de binômios e dualidades. Um desses binômios está na própria mobilidade, ou naquilo que se chama de nomadismo. Etimologicamente, os nômades teriam o sentido de tempo e de retorno, enquanto que, hodiernamente, pode-se entendê-los pelos “modos de vida, o estilo cultural e o consumo dos anos 2000 (...) Os meios de transporte (automóvel, avião, trem, navio), suportes naturais deste nomadismo, serão lugares privilegiados de reunião de objetos nômades” (IANNI, 1996, p. 31). O sentido de proximidade proporcionado pelo nomadismo – seja ele tradicional, sejam eles os “novos nomadismos” – atua como um meio de aproximação de pessoas e culturas. No espaço de fronteira, concebido como um espaço ambíguo de separação-contato, a fronteira implica um nível relacional, evidenciado pela interação de diferenças, sejam quais forem tais diferenças: culturais, sociais, econômicas.

A modernidade impõe a compreensão de viagem como uma busca intensa por liberdade, prazer e fuga. Isso dá aos espaços de fronteira o caráter de desafio para pensar o turismo no campo simbólico e imaginal, conforme se pode ver a partir da metáfora de Silveira (2005) que, ao comparar a fronteira a uma forma membranosa, permeável ou porosa, enfatiza que as trocas e fluxos de pessoas ou idéias permitidos ou barrados ao longo de sua superfície, de sua linha divisória, se estabelecem porque há uma polaridade, que faz com que o interior e o exterior, o fora e o dentro, existam somente como manifestações da diferença que, ao longo da linha demarcatória, pode apresentar pontos de contato que se relacionam a uma maior ou menor proximidade entre tais níveis. Os espaços de fronteira apresentam, assim, uma dualidade separação-contato. Separação devido à necessidade de se estabelecer limites em nome de uma diferença cultural e preservação da soberania nacional; e contato, pelos intercâmbios e trocas que, devido à proximidade física e aos interesses comuns, se estabelecem através dela (CASTELLO, 1995).

Cisne (2010) busca compreender a noção de Sujeito Turístico a partir de Castrogiovanni, Maffesoli e Morin. Para tanto, a autora destaca que: (1) É inerente ao Sujeito o desejo de evasão, a busca pelo outro lugar, que torna latente a pulsão da

errância, apesar do enclausuramento imposto durante a modernidade que levou ao consequente sedentarismo (MAFFESOLI, 2001); (2) A alteridade que o Sujeito traz em si mesmo o possibilita comunicar-se com outrem e a qualidade própria de todo Sujeito, que possui um caráter existencial porque é inseparável do indivíduo, que é a permissão à comunicação e o altruísmo (MORIN, 2002); (3) “*Je suis moi*” como princípio que permite estabelecer a um só tempo, a diferença entre o Eu (subjetivo) e o eu (subjetivo objetivado), permitindo a capacidade de se referir, ao mesmo tempo, a “si” (auto referência) e ao mundo exterior (exo-referência) para distinguir o que é exterior a si (MORIN, 2002); e, por fim, (4) “O encontro do Sujeito com o outro lugar parece ocorrer no retorno ao seu lugar” (CASTROGIOVANI, 2005).

A partir desses quatro aspectos, Cisne (2010) entende o Turismo como meio para que o “Eu” relacione-se com o “Outro”, na própria busca pelo outro, por meio do outro lugar. Dessa forma, o Sujeito Turístico pode estar em movimento em busca do encontro com o outro que não seja necessariamente o “Tu”, mas o próprio *moi*, uma faceta de si mesmo até então desconhecida. Isso porque, a cada experiência vivida durante a viagem, a cada conversa partilhada com os “outros”, há um crescimento ou aprendizado que, a partir da capacidade do Sujeito de refletir sobre si mesmo, lhe permite o encontro consigo mesmo, fazendo com que ele se reconheça e se afirme como Sujeito.

Portanto, a fronteira proporciona não só aos turistas, mas também aos moradores desse espaço a (con)vivência e a possibilidade de contato/encontro. Essa vivência e convivência nesses espaços ambíguos garantiriam aos seus sujeitos a possibilidade de trânsito – físico e cultural – transfronteiriço, consagrando-lhes certas especificidades que representariam a condição fronteiriça. Esta pode ser entendida como um *savoir passer* (saber passar), adquirido pelos habitantes das áreas de fronteira, acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, lingüísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas, que ora apresentam vantagens, ora o cerceamento de trânsitos e direitos (DORFMAN, 2009). Nesse sentido, a experiência da vida na fronteira forneceria aos seus habitantes os instrumentos necessários para articular as diferenças identitárias, propiciando-os tornarem-se, simultaneamente, portadores e passadores de bens simbólicos ou materiais que expressam as contradições e diferenças manifestas no lugar fronteira.

Nesse sentido, a fronteira representa um espaço de fixo, mas também um espaço de fluxos. Considerando o espaço como a expressão da sociedade (CASTELLS, 1999), constituindo a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas (SANTOS, 2009), pode-se perceber que a vivência e convivência nos espaços ambíguos de fronteira podem fazer com que as sociedades ressignifiquem as formas e os processos socioespaciais. A partir disso, pode-se perceber que os processos sociais influenciam o espaço, atuando no ambiente construído, herdado das estruturas sócio-espaciais anteriores, fazendo com que o espaço se materialize na cristalização do tempo (CASTELLS, 1999).

A fronteira se apresenta assim como uma forma de territorialidade, relacionada à idéia de pertencimento, o que Hartmann (2004, p. 133) considera uma “identidade intersticial de fronteira”, que se manifestaria em caráter de simultaneidade, onde não se apagam as identidades nacionais, mas sim onde várias identidades convivem e alternam-se conforme o contexto, reforçando a relação eu-tu-si mesmo. Nesse sentido, ainda que haja um espaço de convivência comum, com códigos compartilhados, cujos limites diferem daqueles instituídos politicamente, percebe-se a presença da ‘linha’ demarcatória, que divide este espaço, uma vez que concomitantemente às alusões aos “nós da fronteira”, seguem-se comentários sobre “atravessar a linha” (HARTMANN, 2004, p. 134). Os sujeitos que configuram o objeto de seu estudo sobre a tradição oral na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, os contadores e *cuenteros*, transitariam com suas narrativas entre os três países apesar da fronteira, mas acima de tudo, por causa dela, levando a autora a considerá-la em um caráter de fatalidade. A autora, assim, introduz a noção de “híbrido” para caracterizar a identidade dos grupos “intra-fronteiriços” de sua investigação, porém não considerando a exclusão de outras identidades, mas sim a possibilidade de convivência e de manipulação dessas. Nessa concepção, a identidade híbrida “não seria, assim, a resultante de duas identidades, mas a capacidade de manejar diferentes códigos identitários de acordo com as exigências do contexto” (HARTMAN, 2004, p. 147).

Espaço, Lugar e Entre-Lugar: o turismo em áreas de fronteira

Se tradicionalmente a concepção de fronteira a vinculava à linha limítrofe, após a I Guerra Mundial, a fronteira viria a ser concebida como região, implicando uma nova construção de sentido em relação aos espaços limítrofes nacionais. Esse novo sentido atribuído às fronteiras seria reforçado pela globalização e os imaginários a ela associados, que enfatizam a liberalização e integração das fronteiras e a ampla circulação de pessoas e mercadorias, bem como a criação de grandes blocos regionais, como a União Européia e o MERCOSUL (GASTAL e CASTROGIOVANNI, 2006). Passa-se, assim, do entendimento de fronteira como limite e separação para, em um contexto pós-moderno, associá-la à idéia de esfera de contato, de encontro de diferentes culturas, de diferentes economias, de diferentes populações. Nessa perspectiva contemporânea, que considera a fronteira como zona, como faixa, sua concepção encaminha significados de um

espaço de interação, um terceiro espaço com certa especificidade, um espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, por fluxos, fixos e interações transfronteiriças, cuja territorialidade mais expressiva parece ser a das cidades-gêmeas. [...] A situação de zona de fronteira é representada [...] como um sub-espaço categorizado como um entre-lugar [...] resultado constante de um processo de interações culturais, econômicas e políticas, tanto espontâneas como promovidas que não se fecham em si mesmos, mas se constituem em si. (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 02)

Para Bhabha (2005, p. 20), os “entre-lugares” forneceria o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação singular e coletiva que, por sua vez, dariam início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. Nessa perspectiva, podemos considerar que os espaços de fronteira passam a simbolizar e expressar o encontro e as trocas culturais. Tais áreas apresentam-se como culturalmente dialéticas, produzindo um terceiro elemento, que não pertenceria nem a um nem a outro lado da linha divisória, mas justamente se faz por meio dela e só se manifestaria por esta condição de espaço fronteiro, de liminaridade. É a partir da existência da fronteira jurídico-política que se processa a produção de uma multiplicidade de fronteiras simbólicas. Tomando por base a proposta de terceira cultura

de Bhabha (2005), esta seria formada nos momentos ou processos de articulação das diferenças culturais, no que o autor denomina de “entre-lugares”.

Percebida como uma construção simbólica, mesmo em sua configuração geopolítica, a fronteira, apesar de ser definida como limite de dois territórios nacionais, parece definir territorialidades, em função dos contatos e das redes de intercâmbio estabelecidas, justamente por sua condição de liminaridade, de esfera de contato entre diferentes culturas. Assim, enquanto a linha configura-se em um traçado estabelecido a partir de acordos ou desacordos internacionais entre os Estados, outros acordos e desacordos continuam ocorrendo entre os sujeitos no cotidiano, estabelecendo uma geopolítica local (CASTROGIOVANNI, 2009).

Portanto, a fronteira passa a delinear-se, agora, no binômio (ou na contradição) espaço de fluxos e espaço de lugares. Castells (1999) aponta que o espaço de fluxos é uma nova lógica/processo espacial que, nas palavras do autor, seriam as “sequências intencionais repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade” (CASTELLS, 1999, p. 436). O autor complementa ainda que nesses espaços de fluxos estaria a “organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos” (Idem. Ibidem). Em oposição dialética a ele, o espaço de fluxos, estaria, segundo o sociólogo, o espaço de lugares, ou seja, aquela organização espacial historicamente enraizada na experiência humana comum, em que um estaria em oposição ao outro.

Apesar de teoricamente o espaço de fluxos e de lugares estarem em oposição um ao outro, o espaço de fronteiras os sintetiza, harmonicamente e, até mesmo, naturalmente, colocando-os não como oposição dialética, mas como complementares, proporcionando as múltiplas e híbridas relações sociais e incorporação de novas identidades.

Para (não) Finalizar: reflexões sobre o turismo em espaços de fronteira

Vistas essencialmente como espaços de fluxos, as fronteiras supõem o trânsito de capital, mercadorias e moedas, mas também, e principalmente, de pessoas, tanto de turistas ou turistas em potencial, quanto dos próprios moradores locais que cruzam constantemente a *linha*, fazendo do território vizinho ou anexo uma extensão de seu

próprio território em seu cotidiano. Tal condição limítrofe de vivência desses sujeitos, que configura as áreas de fronteira em ricos espaços de negociação cultural, parece encaminhar simbolismos que ultrapassam os espaços de fronteira e se mostram em sua complexidade aos não-fronteiriços, sob a forma de um imaginário particular e instigante desse terceiro espaço emergente, que serviria de estímulo à visita e ao conhecimento da dualidade da fronteira como atrativo turístico.

Conforme nos aponta Pesavento (2002), a condição de fronteira é ser excêntrica, ou seja, é dada pela situação de ser borda, margem ou franja. Não estar no centro seria, assim, não apenas estar distante, mas também ser diferente. Levanta-se, assim, a possibilidade de ser justamente no caráter de excentricidade das áreas de fronteira que resida seu interesse para/pela atividade turística, e a possibilidade de redesenho ou redefinição das fronteiras, ou, nesse caso, limites do fenômeno turístico, bem como de sua análise e teorização. Trata-se de uma dimensão ou manifestação do turismo que vinha sendo relegada “às margens”, mas que na última década verificou um aumento de sua consideração e importância, tanto por esforços governamentais e privados, quanto pelos estudos que vem sendo desenvolvidos sobre o tema.

O atual estágio do turismo o consolida como uma prática que se baseia em processos de estranhamento e de mobilização subjetiva do turista ao deparar-se com o novo. Dentro desta perspectiva, se o desejo de evasão estimula a busca do outro e de “seus outros”, ou seja, das múltiplas facetas de si mesmo, levanta-se a possibilidade das áreas de fronteira potencializarem o sentimento de evasão de si e a emergência da multiplicidade do sujeito, em seu simbolismo inerente, como separação de outro país e outra cultura, e como possibilidade de cruzamento desse limite entre o eu e o outro.

Atualmente, verifica-se já uma preocupação com o fenômeno do turismo na fronteira principalmente no Rio Grande do Sul, Estado que, pela sua configuração fronteiriça com Uruguai e Argentina (cuja extensão de fronteira representa o dobro da fronteira que liga o Estado ao restante do território brasileiro a partir de Santa Catarina), vivencia diariamente a condição fronteiriça. Verifica-se nos últimos anos a criação de dois cursos de turismo em cidades de fronteira (de caráter binacional), além de eventos voltados à temática de discussão do turismo em áreas de fronteira, e ainda a estruturação do Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira do Rio Grande do Sul – PDIF. Tal plano é proposto pelo Núcleo Regional de Integração da Faixa de Fronteira, do

Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e encontra-se em fase de discussão e ajustes. Propõe, entre os vários eixos de atuação, desde qualificação da infra-estrutura, como questões de segurança, educação, saúde e turismo em áreas de fronteira. Especificamente no que se refere ao turismo, o plano prevê: o mapeamento de festivais e eventos do Estado e dos países Argentina e Uruguai; a elaboração de roteiros turísticos binacionais integrados; qualificação do atendimento ao turista, envolvendo desde a estruturação de centros de atendimento à elaboração de folheteria e instalação de polícia turística nas cidades situadas na fronteira. Tratam-se de ações que visam valorizar culturalmente e estruturalmente o espaço fronteiriço como espaço turístico, demonstrando o interesse crescente nestas áreas.

Além da preocupação acadêmica e de qualificação do turismo nas cidades de fronteira, atualmente verifica-se ainda uma preocupação com a esfera patrimonial destes locais, que culminou com o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, do Conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão (RS), cidade que faz divisa através de um recurso hídrico com a cidade uruguaia de Rio Branco (Departamento de Cerro Largo, Uruguai), reunindo cerca de 800 imóveis (IPHAN, 2011). Não apenas o acervo arquitetônico fora valorizado a partir desse novo olhar sobre as fronteiras, mas ainda seu principal elemento, o marco fronteiriço. A Ponte Internacional Barão de Mauá fora tombada como o primeiro monumento binacional do Brasil (a ponte já era considerada monumento nacional no Uruguai), aproximando-se da ótica transfronteiriça que exige a compreensão dos espaços de fronteira, onde as lógicas culturais não necessariamente correspondem ou são regidas pelos limites políticos. A valorização da ponte marca, assim, o fluxo no fixo.

Se tomarmos a análise de Urry sobre o olhar do turista (2001), temos o entendimento do turismo como o consumo de bens e serviços que, em certo sentido são desnecessários, mas que mexem com os sentidos, gerando experiências e situações diferentes do cotidiano, sendo que parte dessas experiências consistiria em lançar um olhar, mais atento aos detalhes, às nuances do cenário, da paisagem, do espaço visitado, enquanto nos espaços cotidianos – e poderíamos acrescentar aqui, no seu lugar – não haveria essa sensibilidade visual característica do deslocamento (URRY, 2001). Ainda de acordo com o autor, grande parte do olhar do turista envolveria, mesmo antes da viagem, o devaneio, a expectativa, e o imaginário, devido à intangibilidade da experiência

turística. Pela distância física e simbólica das áreas de fronteira com outras áreas no interior do país, as áreas de fronteira parecem ainda estar sendo regidas, ao menos no que se refere ao seu aproveitamento turístico, pelo imaginário que a vincula a um espaço de potencial e iminente atrito internacional, à sua dimensão bélica, de segurança da soberania nacional. Tal concepção parece estimular (e justificar) a passagem rápida daquele turista que, pelas facilidades financeiras fiscais dos produtos, arriscam-se (por um curto período de tempo, somente necessário para efetuar as compras) a cruzar o limite, havendo e reforçando o predomínio do fluxo sobre o fixo na fronteira.

A partir do crescimento das investigações e estudos que tenham como tema o objeto Fronteira, e do estímulo ao desenvolvimento do turismo nas fronteiras, para além da sua característica de portão de entrada ou saída de turistas, pensamos ser possível estimular uma nova construção de sentido acerca das fronteiras, que viabilize sua apropriação turística que, com exceção de Foz do Iguaçu, ainda é muito subaproveitada.

Pensamos que o turismo poderia, dentro desta perspectiva, servir como instrumento ou prática facilitadora da inversão do imaginário de fronteira ligado historicamente à tradição bélica e de segurança nacional, a um imaginário que a consagra como esfera de contato dinâmico com outros povos e outras culturas. Um novo imaginário que conceba a(s) fronteira(s), vistas em sua unicidade e multiplicidade, não apenas como passagem, em seu aspecto de fluidez, mas ainda e principalmente em sua fixidez, como destino turístico em si, possibilitando, se nos permite a metáfora, a passagem para outras dimensões do conhecimento de si mesmo e dos outros, cuja linha consagra como diferente, mas integrante do espaço fronteiriço.

Referências

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 3ª reimpressão. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BRASIL – Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Núcleo Regional de Integração da Faixa de Fronteira. **Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira do Estado do Rio Grande do Sul – PDIF/RS**. Porto Alegre: Edição da Assessoria de Cooperação e Relações Internacionais, 2012.

CASTELLO, Iara Regina. Áreas de Fronteira: territórios de integração, espaços culturalmente identificados? In.: CASTELLO, Iara Regina; HAUSEN, Ênio Costa;

LEHNEN, Arno Carlos. *et al.* (org.). **Práticas de Integração nas Fronteiras**: temas para o MERCOSUL. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, Instituto Goethe / ICBA, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação): economia, sociedade e cultura) Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos **A Geografia do Espaço Turístico Como Construção Complexa da Comunicação**. 2004. 380p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

_____, Antônio Carlos. A Fronteira e seus Silêncios. In: **Anais do VI Seminário de Turismo de Fronteira – FRONTUR**. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria: 2009. Cd ROM.

CISNE, Rebecca. **Roteiro Turístico, tradição e superação**: Tempo, Espaço, Sujeito e (Geo)Tecnologia como categorias de análise. Caxias do Sul: UCS, 2010. Dissertação (mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, 2010.

DIEGUEZ, Flávio e VIEIRA, Cássio Leite. Átomo duplicado: o pulo do gato. In: **Revista Super Interessante**. Número 107. 1996.

DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na Fronteira Gaúcha**: escalas geográficas e representações textuais. 2009. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Geografia – área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2009. Disponível em <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0367-T.pdf>> Acesso em 02 de julho de 2010.

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras, Naciones e Identidades**. Ciccus – La Crujia. Buenos Aires: 2000.

HARTMANN, Luciana. **Tradições Oraís na Fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis: 2004.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural aprova tombamento de Jaguarão (RS) e do primeiro monumento binacional do país. In.: **Lista de Notícias de 03/05/2011**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=F09F44413907B062CAA8D26C5A3FBD92?id=15969&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em 10 de maio de 2011.

IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. In.: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MACHADO, Lia Osório. Limites e Fronteiras: da Alta Diplomacia aos Circuitos da Ilegalidade. In.: **Revista Território** nº 8, p. 09-29, 2000. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/fronteiras/publicacoes.htm>

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. 4 ed. – São Paulo: Contexto, 1998. – (Repensando a Geografia).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 128 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In.: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SANTOS, Milton, **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. 5 reimp. São Paulo: Edusp, 2009.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu de. As Complexidades da Noção de Fronteira: algumas reflexões. In.: **Caderno Pós Ciências Sociais** – São Luís, v. 02, nº 03, jan./jun. 2005.

WAINBERG, Jacques. Cidades como sites de excitação turística. In.: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GASTAL, Susana (org). **Turismo Urbano: cidades como sites de excitação turística**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.